

## FABULÁRIO CONCISO PARA TEMPOS INCLEMENTES

João Bosco Bezerra Bonfim\*

I

### Fábula do Pequi

Era uma vez, deserto no Cerrado,  
Em amarelo-escandaloso, flor,  
Que, em boa hora, gostosa de si,  
Ourivesou finíssimo sabor.

Mas em seu verde cansada si esteve,  
Janus bifronte sem qualquer pudor,  
Macho-e-fêmea, si famigerava:  
A fome matava só com seu olor.

Então, voou seu perfume para além;  
Em vez de presa, prendeu o beija-flor  
Que, de paixão, o sexo ali retém.

Mas que não se engane o viajante,  
Abocanhar-lhe dentes não convém:  
Zapt! de presa se faz predador.

II

### Galope da Mosca e da Aranha

Disse a Aranha:

–Venha ao café,

Sorrindo à Mosca

Suave convite.

Fingindo inocência,

Aceita o palpito

E entra na teia,

Como quem não quer,

---

\*João Bosco Bezerra Bonfim, poeta, Consultor Legislativo do Senado Federal, Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília, com tese em Análise de Discurso intitulada "O gênero do cordel sob a perspectiva crítica do discurso". Autor, entre outros, de *Romance do Vaqueiro Voador*. Brasília: Callis, 2010 e *A Fome que não Sai no Jornal*. Brasília: Plano, 2002. jbbbonfim@gmail.com

Mil olhos à espreita,  
    Para tomar pé.  
E quanto mais entra,  
    No bom labirinto,  
Sente sobre as asas  
    Um aperto de cinto.  
Mas sempre na boca,  
    Promessa de mel,  
Até que, pregada  
    No doce papel,  
Sente a embriaguês  
    Do puro absinto.

### III

#### **Concerto para quatro patas e arame farpado**

No campo vasto de ipês floridos,  
Pampa ignora o que sejam porteiras;  
E até onde vão seus sentidos,  
Ri e relincha, marchando faceiro.

E, no galope, o que é que ele avista?  
Se não é a poldra Nuvem, na beira  
Do riacho, em pose de artista!  
De crina tão longa, a voar, maneira.

Tão certo é o encontro quão veloz é o passo  
De Pampa e Nuvem ao fundo do vale,  
Correndo ao quadrúpede abraço.

Ao terceiro dia, dois fossos cavados:  
A cerca não vence os dois namorados:  
Sobre o arame repousam o cansaço.

### IV

#### **Galope para a Tubaroa**

Um dia na praia  
    De longe avistei  
Uma barbatana  
    Alegre e contente  
Conforme o sorriso:  
    Milhares de dentes  
Era a Tubaroa  
    Artista de grei

Que a tudo engole  
                    Digere? Não sei!  
Ela nunca para  
                    Recusa o pensar  
E aquilo que ouve  
                    Se esqueceu já  
Pois nada sacia  
                    O instinto voraz  
Tem sempre com ela  
                    Mil bestas atrás  
Cantando galope  
                    Na beira do mar.

V

### **Cândida**

Sem opinião formada, diz: – Foi!  
Mas logo se desdiz muito guapo,  
Com maior ênfase: – Não foi!

Mas a Rã nem liga, indiferente:  
A ela não importa a língua  
maledicente da má gente.  
Para ela não passam de ínguas.

Porém não tarda o julgamento:  
Na boca, a prova de seu crime,  
Que a todos causa grã tormento.

Mesmo assim, recusa e até xinga.  
Nega-se a pagar medicamentos:  
– Não fui eu que pus sapinho na Língua!

VI

### **Grilo**

O Grilo grilou  
                    seu canto noturno  
Mas sem esperar  
                    que ouvisse a plateia  
Cantador de fé,  
                    tempera a traqueia  
E aquilo que diz  
                    parece absurdo  
Embora incrível,  
                    repete a trilha

Esse é o ensino  
da sua família:  
– A noite é um dia,  
com o sol às avessas  
Por isso repito  
a mesma conversa:  
A vida é a morte;  
o sono, a vigília.

VII  
**Bebedouro**

Por sete dias a fio  
Veio a Onça beber água  
Que passarinho não bebe  
Mas não bebia nem nada  
Essa felina danada:

Só de olho no macaco  
Que tardava sua chegada  
Mesmo morrendo de sede  
O barato recusava.

Porém, usando de cautela  
Envia-lhe um mensageiro  
A comprar-lhe pela bagatela  
De uma mala de dinheiro.

E, hoje, farta a bebida,  
No mocó de seu Macaco,  
Que de grama em papelote,  
Enche o saco e o bisaco.

VII  
**Peleja de Seriema com cobra**  
para Seu Roberto Correa

No grande cerrado,  
de longe avistei  
Vistosa Seriema  
de crista elegante  
Caçando conversa  
com o Cobra ondeante  
Jogando sua asa,  
esperava, não sei

Vencer o seu Cobra,  
                  que no bote é rei  
Uma sapateia,  
                  o outro se arrasta  
E, de boca em bote,  
                  o Cobra se agasta  
E quando ele voa  
                  sua presa na asa  
Dona Seriema  
                  se sente em casa  
E o Cobra, no bico,  
                  gostosa ela pasta

IX

**O cão sem flores**

Nenhum lugar no mundo é mais propício  
Para se enterrar tesouro valioso:  
O jardim, onde se planta o osso.  
Todo cachorro sabe esse ofício.

Data do tempo da fome canina  
O bom hábito de fazer poupança  
Quando faltar a matéria mais fina  
Saca-se do jardim, enche-se a pança.

Mas outra fome – que não de comida –  
Nasce no cão com a beleza da flor  
A fartar os olhos mais que a barriga.

E assim surge o sofrer por amor:  
Duas fomes se insurgem e brigam:  
E entre a flor e o osso gane de dor

